

## «VIVO QUER DIZER PRESENTE»

### Testemunhos - 3



Foto Luigi Ghirri, Caserta, 1987. Da série Un piede nell'Eden. © Herdeiros de Luigi Ghirri.

# Testemunhos

**Cantos:** *Eso que tú me das  
La strada*

**Andrea Mencarelli.** É possível cantar a vida até ao fundo? No *Cartaz* de Páscoa está escrito: «Os homens, jovens ou menos jovens, precisam em última instância de uma coisa: da certeza da positividade do seu tempo, da sua vida, da certeza do seu destino», que é o que nos faz cantar até ao fundo, até ao extremo. E continua: «“Cristo ressuscitou” é afirmação da positividade do real; é afirmação amorosa da realidade. Sem a Ressurreição de Cristo só há uma alternativa: o nada». Foi isto que as mulheres conheceram na manhã de Páscoa, a positividade do real: Ele, vivo, experimentável, mais forte do que o mal, vitorioso sobre a morte. Mas precisamente a partir disso poderia nascer uma pergunta, ou até uma objeção invejosa: «Esta notícia é muito bonita, foi bom para eles há dois mil anos, mas e hoje, no presente?». N' *O brilho dos olhos*, Carrón diz: «Os discípulos foram introduzidos por Jesus à consciência da Sua relação com o Pai [...]. E nós, hoje, por quem é que somos introduzidos? É sempre Cristo que nos introduz à relação com o Pai. Como?». Através do carisma, como ouvimos na Escola de Comunidade e também como nos contava o contributo que eu lia ontem. Através do carisma significa através de rostos com nome e apelido, olhares humanos »

\* Testemunhos de Alfonso Calavia e do padre Gabriele Giorgetti no Tríduo Pascal dos Liceus, no Sábado Santo (3 de abril de 2021).

» que nós podemos encontrar e que constituem – diz ainda n’ *O brilho dos olhos* – «um apoio poderoso, um apelo sugestivo e convincente a viver plenamente, com inteligência e criatividade, a experiência cristã».<sup>1</sup> Não temos de inventar nada, precisamos apenas de acolher. Este é o motivo pelo qual esta manhã teremos um encontro com dois rostos com nome e apelido com quem podemos dialogar.

A primeira pessoa que vamos ouvir vem de Espanha (de Espanha chegam-nos muitas coisas boas!), chama-se Alfonso e talvez alguns de vocês já o conheçam. No número de fevereiro da *Tracce* – que é a melhor revista do mundo, e saibam que se a virem por vossa casa, vale a pena folheá-la e lê-la... não é reservada a adultos; não é o catálogo das lojas Esselunga, mas oferece prémios mais valiosos – há um artigo que fala dele. Mas hoje temo-lo aqui, ao “vivo e presente”, porque é muito mais bonito poder ouvi-lo. Olá, Alfonso.

**Alfonso Calavia.** Olá padre Andrea!

**Mencarelli.** Obrigado por estares connosco e benvindo! Depois apresentas-te tu, eu vou apenas dizer a razão que me fez ter vontade de te convidar. De facto, li um artigo bellissimo na *Tracce*, que fala do trabalho incrível que tu estás a fazer *há algum tempo todas as manhãs, com* uma paciência quase monástica: uma resenha da imprensa diária. A curiosidade que me veio foi esta: hoje em dia, muitos de nós têm alergia à realidade, o mundo tem alergia à realidade, por isso o pensamento mais comum seria que quanto menos soubermos sobre ela, melhor; no entanto, tu fazes um trabalho que entra pela realidade adentro. Por isso, em primeiro lugar, queria perguntar-te quem és tu e, depois, o que procuras com este teu trabalho.

**Calavia.** Olá a todos! Não posso deixar de começar por dizer, padre Andrea, que o telefonema que me fizeste (anos depois de nos termos visto pela última vez!) me fez repensar em toda a “história de amor” que chegou até mim. Conheci-te em La Thuile, no CLU (Universitários de Comunhão e Libertação), há anos, e esta história continua, misteriosamente; por isso, um simples telefonema teu fez-me bem. Não sei se o que vou dizer poderá ajudar, mas o teu telefonema foi para mim uma bellissima ocasião para repensar na “história de amor” que é a minha vida. O padre Andrea pediu-me para falar em italiano, por isso a culpa é dele se vocês não perceberem duas palavras em cada três. É tudo culpa dele!

Respondendo à primeira pergunta: chamo-me Alfonso, sou casado há dois anos com uma linda mulher, que se chama Maria. Sou professor do ensino secundário e estou no Movimento há quinze anos, exatamente (depois conto) desde as 16h50 do dia 21 de setembro de 2006. Antes de conhecer o Movimento nunca tinha lido um jornal; é um dado curioso, mas pode ajudar a perceber o alcance da proposta do Movimento na minha vida. Antes de vos ler alguns artigos que considero impressionantes, devo confessar que gosto muito de estar próximo da necessidade das pessoas. Eu pensava que nos jornais só se falava de política, de ideologia, de um lado ou de outro, mas descobri que isso não é verdade; podem verificá-lo vocês mesmos. Muitas pessoas escrevem sobre o que lhes acontece todos os dias: acordam e começam a escrever sobre o que lhes vai no coração. Lendo os jornais, percebemos melhor que a necessidade luta contra o nada. Talvez seja uma estupidez, mas enquanto leio alguns artigos que falam do coração, sorrio e digo: «Caramba, este autor luta contra o nada, contra o ceticismo!».

Muitas vezes, julgamos as pessoas por aquilo que elas pensam. Eu leio jornais de esquerda, de direita, progressistas, de todos os tipos, e vejo que a necessidade de quem escreve é mais »

<sup>1</sup> J. Carrón, *O brilho dos olhos, O que é que nos arranca do nada?*, Fraternidade de Comunhão e Libertação, Lisboa 2020, pp. 123; 127.

» verdadeira do que a ideologia que professa: uma pessoa pode dizer uma barbaridade contra a Igreja – que é a minha casa –, mas no dia seguinte fala da sua filha, e o que ela diz interessa-me. Há quem possa pensar que isso é impossível e que não devemos ler alguém que diz asneiras sobre a Igreja. Eu, pelo contrário, acho que cada um se encontra num determinado ponto do caminho e, para mim, é muito interessante ver como se exprime. Além disso, penso sempre no que diz o Julián Carrón, ou seja, que o sentido religioso é a verificação da fé. Graças à fé que vivo, posso perceber e ver melhor, posso olhar com maior intensidade para o desejo dos outros e também para o meu.

A última coisa que digo antes de vos ler alguns artigos é que as tentativas de algumas pessoas fazem parte de um percurso humano muito bonito. Para mim, não é necessário que em todos os artigos haja um percurso humano completo, porque ter encontrado este lugar – o Movimento – há quinze anos, permite-me reconhecer, nas tentativas das pessoas, um grito em busca de um sentido último para a vida, aquele sentido que, por graça, nós encontramos. Imaginem onde estaríamos se não fosse isso!

Vou ler o primeiro excerto de um artigo. Também o podem encontrar na *Tracce*.<sup>2</sup> Um jornalista escreve, no final de 2020: «O ano que termina não trouxe beleza ao mundo. A luz não tem urgência em vir visitar-nos. Procuramo-la em toda a parte, mas não existe. Esperemos que no próximo ano a beleza caia do céu para que todos os homens e mulheres deste planeta a possam ver». Uma pessoa podia dizer: «Mas nós já encontramos a luz», e fechar o jornal. Eu não, porque isto é um grito! «O ano que termina não trouxe beleza ao mundo», para mim é a mesma coisa que dizer: «Luz, podes vir, se faz favor?». É como um grito: diante de todos os leitores deste jornal progressista, alguém decide falar disto. É impressionante! Outro, que fala sempre de política, um dia escreveu: «Onde estão as fotografias dos avós? O triciclo, a ortografia e a sintaxe, as minhas bulhas com os amigos e o álcool? O que me está a acontecer esta tarde? O que sou eu? De onde venho?». Enche o artigo todo de perguntas, para quem as quiser ouvir. Às vezes, espanta-me que a mesma pessoa possa escrever coisas tão profundas e, no dia seguinte, dar juízos políticos e culturais com os quais não concordo. Se eu não tivesse encontrado o facto cristão, estaria na mesma posição, aliás, às vezes ainda estou! O último artigo – é impressionante! – parece um texto do Julián. É como uma pequena história, que vocês deviam ler. Vou lê-la agora, mas vocês depois deviam relê-la. «Um homem jovem conta-nos que vive com um animal estranho, que não sabe definir, herdou-o de seu pai, e alguma coisa o leva a falar dele como se fosse um facto divino. Mostra-o aos filhos dos vizinhos, no bairro. Depois, conta-nos uma das coisas mais estranhas que ele faz: salta para cima de mim como se me quisesse dizer alguma coisa e, para o contentar, eu digo que sim. Está a falar de um animal que temos e com o qual não sabemos o que fazer. É um animal que tanto nos causa tristeza quanto felicidade, e que nos pede para fazer coisas mesmo quando não somos capazes de as fazer. Por que não posso evitar dizer sim? Porque todas as pessoas que me amam me perguntam por ele e querem que eu o mostre. Esta criatura absurda é o coração humano». Uma manhã, enquanto estava a preparar a resenha de imprensa para o Movimento em Espanha, de repente esbarrei com esta pessoa que, num dia normal, decide falar do coração como de um animal que nos pede coisas e a quem não podemos dizer que não. Então, pensei que o que encontramos é real, verdadeiramente real, e útil para perceber os problemas, as preocupações mais profundas e maiores das pessoas!

Um destes jornalistas, parece-me que o conheço sem nunca o ter visto; *parece-me*, não, mas *conheço-o* sem nunca o ter visto, da mesma forma como conheço *don* Giussani, que nunca conheci pessoalmente. Por quê? Porque a experiência é absolutamente a mesma: eu também tenho este coração, esse «animal estranho» que me pede coisas, ao qual não posso »

<sup>2</sup> A. Calavia, «Spagna. In cerca dell'uomo», por P. Ronconi, *Tracce Litterae communionis*, n. 2/2021, p. 27.

» dizer que não. É a coisa mais bonita que eu tenho, e também a mais estranha: ele não sabe que eu o conheço, mas conhecemo-nos! Às vezes, tento escrever a alguns destes jornalistas, e alguns respondem. É uma surpresa incrível. Depois da apresentação, aqui em Espanha, de um livro, com o Julián, *O despertar do humano*, procurei o mail duma jornalista e escrevi-lhe dizendo o que mais me tinha impressionado nos seus artigos. Fomos almoçar juntos, e ela contou-me que uma empresa de comunicação lhe tinha sugerido que deixasse de escrever sobre o coração, “porque as pessoas ficam bloqueadas diante dos teus artigos, que são muito profundos e muito sérios; em vez disso, devias escrever sobre coisas banais porque, assim, as pessoas liam!”. E ela dizia-me: «Tu fizeste exatamente o contrário!». Eu tinha escolhido vinte dos seus artigos – entre os duzentos que tinha lido – que falavam precisamente de temas que vão até ao fundo de cada um de nós. Para ela, a primeira surpresa foi esta: «Mas por que é que tu me pedes para falar precisamente dos artigos que me disseram que eu devia deixar de escrever?». Isto é impressionante. Durante aquele almoço, ela pediu que eu colaborasse com ela nas redes sociais. A primeira surpresa foi esta: por que razão é que eu posso olhar assim? Como é possível que para mim seja um bem ler estes artigos? E o presente, depois, é que ela tenha se dado conta disso. Às vezes, o Senhor dá-nos a possibilidade de ver também estas coisas, mas, para mim, já é um bem olhar para as pessoas assim.

**Mencarelli.** Obrigado, Alfonso. A segunda pergunta surge daquilo que tu contavas: como é isso possível? «Por que é que tu fizeste o contrário?», dizia aquela jornalista. De onde nasce esta diferença? No início, tu tiveste a precisão de dizer que és do Movimento desde as «16h50 do dia 21 de setembro de 2006». «Eram cerca das quatro horas da tarde», poderíamos parafrasear. Então, a segunda pergunta é: de onde nasce? O que é que aconteceu?

**Calavia.** Em primeiro lugar, peço desculpa pelo meu italiano e, depois, também, porque talvez eu vá chorar. A diferença nasce de uma história de amor incrível. Conto brevemente: tenho uma família muito bonita – mesmo muito bonita! –, mas quando cheguei aos catorze, quinze, dezasseis anos, não sabia por que razão viver. Nunca fiz grandes asneiras, nunca experimentei drogas, simplesmente vivia sem saber por quê. Pelos meus quinze, dezasseis anos, conheci na minha escola um bom grupo de amigos, o único cuja experiência me fazia desejar que fosse para sempre, digamos assim. Lembro-me perfeitamente que algumas vezes nos fazíamos promessas de eternidade: «A universidade não nos vai conseguir separar, seremos amigos para sempre». Isto passava-se nos últimos três anos do ensino secundário. Mas bastaram os três meses do verão de 2005 – quando acabei o liceu – e não sobrou nada do que eu tinha vivido com aqueles amigos. Quando o espaço e o tempo mudaram, a amizade acabou. Quando comecei a universidade, pensava: «Se na escola nada dura, por que é que na universidade iria durar um relacionamento que começa agora?». Assim, fiz amizades desde o primeiro dia da universidade, como acontece com toda a gente, mas com a consciência de que tudo iria acabar. Isto fazia-me mal porque, naqueles anos, eu tinha clara apenas uma necessidade, apenas um desejo era realmente claro: o de que as coisas durassem. Mas isso não acontecia. E esse facto deixava um vazio enorme dentro de mim.

E assim chega o dia 21 de setembro de 2006, que era também o dia do meus anos. Eu estava no metro (é impressionante, aconteceu no metro de Madrid!), e na minha carruagem estavam uns vinte ou trinta jovens do CLU (eu não sabia o que era o CLU); um deles aproximou-se e disse-me: «Olá, quem és tu?». Não sei como são estas coisas em Itália, mas em Espanha não é normal, quando estamos sozinhos no metro, alguém aproximar-se e perguntar quem és. Respondi-lhe: «Sou o Alfonso», mas, por dentro, dizia: «Não sei por que raios te interessa saber quem eu sou». Na paragem seguinte, eles desceram do metro, e eu não. Só depois percebi que ele pensava que eu era um novo no grupo e, por isso, para se apresentar, »

» tinha-se aproximado perguntando-me: «Quem és?». Misteriosamente, no dia seguinte, era dia 22 de setembro, recebi uma chamada de um número desconhecido: era o David (o rapaz que me tinha abordado no dia anterior). Obviamente, eu não lhe tinha dado o meu número de telefone, mas ele disse-me que a minha cara lhe “dizia alguma coisa” e por isso, através da minha irmã e de um amigo dum amigo, ele, que é uma pessoa muito especial, descobriu o meu número, ligou-me e convidou-me para ir a um jantar com os seus amigos para preparar uma caritativa. Eu não sabia o que era uma caritativa, mas, seja por receio ou por vergonha de dizer-lhe que não ao telefone, disse que sim, e fui. Quando cheguei (naquele 22 de setembro), vi-me no meio de um jantar que, para mim, era uma novidade. Agora, talvez estejamos todos habituados a este tipo de jantares, mas naquela altura eu não estava habituado a ver quarenta pessoas de diferentes idades a jantarem juntas: havia alguns italianos, um do primeiro ano da universidade, outro do quinto, outro não sei; era um grupo absolutamente estranho para mim. Um deles falava da razão porque fazia caritativa com os sem abrigo numa praça de Madrid. Eu estava meio deslocado, mas disse ao rapaz que tinha conhecido no metro no dia anterior: «Não sei o que é isto, mas é como se fosse um início de resposta àquilo que tenho no coração», porque parecia uma amizade verdadeira, possível também entre pessoas de idades diferentes. Eu nunca tinha tido um amigo de idade diferente da minha. Voltei para casa e, naquela noite, não dormi um minuto sequer. No dia seguinte, foi como se eu soubesse aonde ir. Incrível!

Naquela semana, a última de setembro de 2006, fiz tudo com eles – tudo, tudo com eles. Comecei a gozar a vida simplesmente estando com eles, fazendo coisas normais. Tudo aquilo me parecia absolutamente impossível. Nove meses depois, aquele meu amigo foi-se embora, entrou no Mosteiro da Cascinazza, e eu continuei a ir à Escola de Comunidade porque ele ia. Se ele fosse a qualquer outro lugar, eu teria ido, mas ele ia à Escola de Comunidade, jogava futebol, bebia cerveja, etc. E, então, eu fazia as mesmas coisas. Eu frequentava outra universidade, mas ia estudar para a deles só para estar com eles. A coisa mais impressionante é que quando o meu amigo se foi embora – não sei como dizer –, as pessoas do CLU, seguramente com a maior das boas intenções, diziam-me: «Não te preocupes, porque não é ele, é Cristo». Mas eu mandava àquela parte qualquer pessoa que me dissesse: «Não te preocupes, porque não é ele». Eu estava triste, porque não gostava do que estava a estudar, e não tinha coragem de dizer: «Devia largar isto: conheci um homem com uma cara, com um nome e um apelido, com ele comecei a ser feliz, verdadeiramente feliz, a apreciar verdadeiramente a vida, com uma intensidade absolutamente nova, e agora nunca mais o vou ver». Para mim, ainda não existia o problema se era ele ou um “outro”, mas dizia: «Não me interessa esse Cristo, ou este “Tu” de que vocês falam, o que me interessa é estar com o meu amigo, e agora já não posso estar com ele». A pergunta cresceu, obviamente. Antes de ele partir, tivemos um encontro rápido, e eu disse-lhe: «Como é possível que eu tenha passado a minha vida inteira à procura disto e e agora tu vais-te embora?». Respondeu-me: «Olha, aconteceu-me a mesma coisa há dez anos, com um amigo, num lugar preciso. E a ele, aconteceu a mesma coisa em relação a outra pessoa. E andando para trás vinte ou trinta gerações, chegas a Jesus, a São Paulo, a Pedro e a João». Era a primeira vez que eu ouvia falar do cristianismo como de uma história de amor, humana: vêes uma diferença humana tal numa pessoa que é quase impossível não a seguires.

Deixando-me com esta hipótese, ele foi-se embora e eu continuei a acompanhar o CLU. E a maravilha – conto rapidamente – é que pude fazer a mesma experiência, não *como* aconteceu com ele, mas *daquilo* que aconteceu com ele, ano após ano, mês após mês, nunca diferente da experiência inicial. Agora, não trocava de lugar nem por um minuto com o Alfonso de antes. Depois daquele dia, por ter conhecido aquele homem, fiquei absolutamente apaixonado pela vida. Eu não trocava nem por um minuto o que acontece hoje pelo passado, porque »

» o que aconteceu no CLU, depois dele se ir embora, foi um caminho de conhecimento do que aconteceu quando o encontrei: aconteceu Cristo, que é Aquele que celebramos hoje, e é evidente que é Ele que me permite ser feliz a cada instante.

Nós podemos andar nos Liceus, ou no CLU, pensando que é um âmbito de relações bonitas – o que não deixa de ser verdade – e que, quando um amigo se vai embora, não vais aguentar. Porém, perceber que aquilo que aconteceu é que o Mistério que faz todas as coisas se fez carne, te conheceu, te procurou e te permite ser feliz, isto é outra coisa. E isto manifesta-se muitas vezes num âmbito de relações muito bonitas, mas sem o caminho de conhecimento que o Julián, graças a Deus, nos acompanha a fazer, que o Nacho nos acompanha a fazer, eu teria perdido o melhor, realmente. Ainda tenho algum tempo para dar dois exemplos sobre isto?

**Mencarelli.** Sim, sim!

**Calavia.** Ah, obrigado! O primeiro é (não é fácil falar sobre isto): há um mês, chego a casa e a minha mulher, que é médica, diz-me «Olha, preciso de te dizer uma coisa». Estava muito séria e eu não sabia o que tinha acontecido. Diz-me que lhe chegou a notícia (curiosamente, antes de chegar a mim e à minha família, porque ela trabalha no hospital) de que minha mãe tem dez tumores nos pulmões: cinco em cada um. E a minha mãe ainda não sabia. E, aqui, não dá para fingir nada, na verdade! Coube-me a mim e a ela ir a casa da minha família para lhe dar a notícia. Imaginem o pode sentir um filho como eu, de trinta e três anos, que chega a casa da sua mãe para lhe dizer que ela tem um cancro nos pulmões. A primeira coisa que minha mãe fez foi olhar para o meu pai e dizer-lhe: «Eu sei para onde vou, seja agora ou daqui a cinco anos, seja por esta ou por outra doença, ou por alguma outra situação». Pensei: «Mas como é isto possível?». Conto a história toda. Depois da primeira cirurgia ao pulmão (porque tiveram de lhe fazer duas, uma a um pulmão e outra ao outro), que correu muito bem, eu estava muito contente pela saúde dela, mas quando cheguei a casa, escrevi à minha mãe: «A verdadeira alegria é pela fé», ou seja, pelo facto de sabermos para onde vamos; é verdade aquilo que celebramos na Semana Santa, se quando te dizem que tens dez tumores nos pulmões tu consegues dizer: «Sei para onde vou». Eu tenho vivido esta experiência no Movimento, neste caminho de conhecimento que o Julián nos propõe: uma diversidade humana que chega até à esperança, uma posição diferente – completamente diferente, quase impossível de imaginar antes de acontecer – que nos faz ser e reagir assim diante da doença. Eu quase me escandalizo comigo mesmo quando digo: «Mas por que é que a verdadeira alegria é por causa da fé e não da saúde?». Porque alegrarmo-nos simplesmente pela saúde, no fundo, está muito bem, mas é só até à próxima notícia má. Mas no dia 21 de setembro de 2006 entrou na minha história um rosto com uma diversidade humana evidente, que transcende o limite das possibilidades humanas, absolutamente, e me fez chegar a dizer: «Tu, Tu que entraste na história, vieste até mim e fazes com que eu esteja tranquilo, faz com que a minha mãe esteja tranquila diante de uma coisa destas». Por isto uma pessoa pode dar a vida, por isto pode casar-se, por isto pode trabalhar, por isto pode estar contente em todos os instantes do dia. Isto acontece, é, agora: vinte dias depois da segunda cirurgia estou absolutamente contente por causa da fé. Acordo a pensar nisto. Pode-vos parecer um pouco estranho, mas eu acordo a pensar no Movimento, acordo a pensar no que me aconteceu na vida.

A última coisa que queria contar é esta: há quatro anos comprei um carro fantástico e, na semana passada, recebo uma telefonema da pessoa que me vendeu o carro; era um sábado (eu vi-o duas ou três vezes na vida, nestes quatro anos). Atendi o telefone e pensei: «Estranho estar a ligar ao sábado, talvez me queira dizer alguma coisa sobre o carro», mas ele começou a falar da sua filha. Eu disse-lhe: «Sou o Alfonso Calavia, um cliente, acho que se »

» enganou no número, não sei por que é que me está a falar disto». «Mas você é professor, não é?». «Sim, sou professor, mas...». Então, disse-me que há três anos, na concessionária, quando me vendeu o carro, eu lhe contei duas ou três coisas sobre o meu trabalho; e começa a contar-me que a sua filha está triste, que não vai bem na escola e que ele não sabe o que fazer. Depois, pergunta-me: «O que devo fazer?». Eu penso: «Mas será verdade o que está a acontecer?». Primeira coisa: ele não tem com quem falar sobre a filha, sobre a educação da filha, e liga para um cliente a quem vendeu um carro há quatro anos. Isto já é impressionante. Mas, depois, diz-me: «Há três anos atrás vi que você era apaixonado pela escola e por isso pensei: “Vou ligar-lhe e perguntar o que devo fazer”». Parece a história do Gemoll,<sup>3</sup> o dicionário de grego que Giussani esperava quando era seminarista. Nunca mais chegava, mas um dia finalmente chegou. Então disse-me: «Vivo a 50 metros de uma escola» – uma escola do Movimento. Em Madrid há duas, e por isso era impossível que uma delas fosse precisamente ao lado da casa dele! –. E assim decidi mudar a filha de escola por causa de um telefonema de três minutos, o que me faz pensar: «Mas Tu, Cristo, que és tão concreto que em 2006 entraste no metro de Madrid, mudaste tudo, me fizeste mudar de universidade (porque depois daquele encontro larguei Economia, inscrevi-me em Letras e agora sou professor de Língua e Literatura Espanholas; tudo mudou, até a forma de olhar para os jornais e para estas relações), o que é que fazes a um diretor de uma concessionária de automóveis para ele me ligar e falar da sua filha que está triste e que não sabe o que fazer?». Então, digo: «Bolas, que história, que história de amor!».

Padre Andrea, perguntavas de onde vem esta diversidade. Simplesmente de uma história de amor, que foi possível e cresceu sem nunca parar por eu ter seguido o carisma. Nada mais do que isso, só por ter seguido aquela indicação que o meu amigo me deu antes de entrar no mosteiro: «Deves simplesmente continuar aqui e irás perceber tudo». E não só “percebi”, como sou feliz. Não é normal que uma pessoa possa enfrentar as coisas, possa acordar e dizer: «Obrigado!». Não é normal estar aqui convosco e, com todo o tremor que isso me causa, dizer: «Não sou eu». Agora, posso dizer por experiência: «Não sou eu, eu sou “Tu” que me encontraste e mudaste todas as coisas da minha vida até hoje, e continuas a mudar». Ele entrou na minha vida, portanto, tudo está em relação com Ele a um nível absolutamente do outro mundo.

Desculpem se falei demais.

**Mencarelli.** Obrigado! Cantamos «*Por todo lo que recibí / Estar aquí vale la pena [...] Ahora sé que no estoy solo*»...<sup>4</sup>. Este é o meu espanhol, imagina, melhor do que o teu italiano! Agradecemos-te, agradeço-te muito por este ímpeto de vida que nos comunicaste e sobre o qual esperamos poder voltar a falar. Obrigado, Alfonso! Boa Páscoa! Saudades à Maria.

**Calavia.** Eu é que agradeço, amigo.

**Mencarelli.** Mas não acaba aqui, como dizia um famoso apresentador, porque depois do Alfonso, de Madrid, temos também outro amigo: o padre Gabriele, de Milão – mais precisamente, de Dergano – que convidamos para dar um passo connosco esta manhã. Bem-vindo! Gostaria de te perguntar: como é que amadureceste a tua escolha? Como é que viveste a idade do secundário e o que te moveu? »

<sup>3</sup> Cf. A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua Vida*, Tenacitas, Coimbra, 2017, p. 55ss.

<sup>4</sup> « *Por todo o que recebi / Vale a pena estar aqui [...] Agora sei que não estou sozinho* » (Jarabe de Palo, «Eso que tú me das» do Álbum *Tragas o Escupes*, 2020 Tronco Records).

» **Gabriele Giorgetti.** Se hoje estou aqui, é porque na minha vida pude sempre reconhecer alguém que teve uma estima, um afeto, um olhar em relação a mim maior e mais interessante do que aquele que eu era capaz.

Cresci em Milão, numa família católica e frequentei uma escola pública. Eu não era muito extrovertido, nunca tomei a iniciativa nos relacionamentos, esperava sempre que fossem os outros a avançar. Era um rapaz normal, meio insignificante, talvez porque na minha maneira de agir não houvessem características especiais que se pudessem destacar.

Provavelmente, também não era muito simpático... a única simpatia evidente que alguém mostrava em relação a mim era a das pessoas da secretaria administrativa. Mas claro que isto não pode ser motivo de orgulho.

Em suma, a minha adolescência não teve nenhum evento digno de nota, a não ser, no último ano do liceu, ter sido eleito delegado de turma e, também aqui, não foi certamente por causa da minha diplomacia ou dialética, mas apenas porque conhecia o vice-diretor, grande amigo das pessoas da secretaria.

Lembro-me das noites com os meus colegas de turma: tenho na memória um lugar – nem sei se ainda existe – que se chamava “Indiana Caffè” e as fontes na Avenida Buenos Aires e na Navigli.

Se já existisse o Instagram, não ousou sequer imaginar como seria o meu perfil...

Com tudo isto, porém, eu tinha um grande desejo de vida: todavia, essa questão era acompanhada por um grande sentimento de solidão. Todas as experiências que eu vivia eram a confirmação de que, no fundo, estava sozinho, sozinho com as minhas dificuldades, sozinho com a minha tristeza, sozinho na minha maneira de viver a fé, sozinho, sobretudo, com as minhas perguntas.

Parecia-me viver em compartimentos estanques, não me questionava minimamente sobre a razão pela qual fazia as coisas: os amigos eram um preenchimento, reduzidos a um passatempo; a experiência na paróquia não tinha qualquer influência sobre aquilo que eu era; e até a rapariga com quem tive um namorico no 12º ano não era resposta para o meu sentimento de solidão.

Chegava à noite constatando que tinha feito coisas, mas que, na verdade, não tinha encontrado nada.

No final do 12º ano – acrescento apenas que chumbei, mas que nem isso me abalou minimamente –, houve dois encontros que levaram a uma verdadeira reviravolta na minha vida.

Estão a ver, não são as perguntas ou as inquietações, por si só, que nos podem fazer mudar, mas um encontro presente e vivo, alguma coisa que acontece. Eu pensava que estava sozinho, mas havia Alguém que não me tinha deixado sozinho.

O primeiro facto foi o encontro com João Paulo II durante a Jornada Mundial da Juventude, em Roma.

Durante aquele verão, estávamos em 2000, a minha paróquia oferecia a possibilidade de participar neste encontro mundial de jovens: eu não sabia bem do que se tratava, porém, talvez pelo interesse por uma rapariga, ou talvez pela amizade que tinha nascido com um padre, decidi participar. Ali, descobri e encontrei aquele que acredito ser o maior amigo da minha vida, João Paulo II. Amigo, não da vida, mas para a vida! As suas palavras, mas sobretudo os seus gestos, tiveram a força de me arrancar dos meus pensamentos e dúvidas: a anestesia da vida tinha terminado.

Não sei se vocês viram alguma imagem daquela Jornada, mas para vos dar uma ideia, imaginem dois milhões de jovens amontoados numa praça enorme, um calor de morrer, músicas improváveis de fundo... E no meio de tudo isto, a certa altura, cai a noite e começamos a ver um pontinho branco que, com dificuldade, se encaminha para o centro do palco. O Papa começa a falar e fulmina-me com estas palavras: «*Na realidade, é Jesus* »

» *quem buscais quando sonhais a felicidade; é Ele quem vos espera, quando nada do que encontráis vos satisfaz; Ele é a beleza que tanto vos atrai; é Ele quem vos provoca com aquela sede de radicalidade que não vos deixa ceder a compromissos; é Ele quem vos impele a depor as máscaras que tornam a vida falsa; é Ele quem vos lê no coração as decisões mais verdadeiras que outros quereriam sufocar. É Jesus quem suscita em vós o desejo de fazer da vossa vida algo de grande, a vontade de seguir um ideal, a recusa de vos deixardes submergir pela mediocridade, a coragem de vos empenhardes, com humildade e perseverança, no aperfeiçoamento de vós próprios e da sociedade, tornando-a mais humana e fraterna».*<sup>5</sup>

Pela primeira vez, alguém dizia alguma coisa que me parecia correspondente ao que eu procurava, dizia que Cristo tem a ver com a felicidade, mas, sobretudo, que não desilude. Não me parecia verdade que alguém me dissesse que eu podia ser feliz e me indicasse um caminho.

Cá está, eu procurava – e ainda procuro – alguma coisa, ou melhor, alguém que não me desiludisse! Ali, exatamente naquele momento, nasceu de modo evidente para mim a possibilidade de dar a vida por um grande ideal!

Interrogava-me: «É possível viver por Cristo, anunciá-Lo em qualquer circunstância e em qualquer condição? Se o Papa, que é velho e doente, faz isso, por que é que eu, que tenho dezassete anos, não o posso fazer? Será que não o posso fazer porque continuo a tirar 3 a Física?».

Naquela noite – onde, dos 40 graus se passou para os 18 por causa da enorme humidade –, lembro-me que não dormi: o entusiasmo e a adrenalina que aquele homem tinha despertado em mim eram grandes demais. Estava pronto para conquistar o mundo! Ou melhor, queria que aquelas palavras sobre a felicidade pudessem realmente chegar a todos! Transbordava, e não parava de fazer perguntas ao meu amigo padre! Sobre tudo! Mesmo sobre tudo! Sobre Jesus, sobre a vocação, sobre o Seminário... Mas ele queria dormir!

Na confusão e no atordoamento daquela noite, um pensamento começou a abrir caminho em mim: «Se o que eu tinha intuído era verdadeiro, com o tempo iria revelar-se em toda a sua beleza».

Juntamente a este episódio tão forte, e de alguma maneira definitivo, houve outro encontro decisivo para mim: depois de muitos professores que nunca tinham gostado de mim, eis o meu novo professor de Literatura, o professor Rana. Ele tinha um olhar diferente do dos outros, eu via nele um interesse pela vida, pela realidade, pela humanidade, que nunca me tinha acontecido encontrar na escola. Era tão interessado pelas questões sobre a vida que me confiei a ele e partilhei as questões que tinha sobre a minha vocação.

E, assim, depois de uma confissão na Catedral, provocado por uma pergunta do padre, comecei um caminho de verificação para perceber qual seria a melhor forma para que a minha humanidade, cheia de limites e contradições, pudesse florescer em todo o seu potencial, seguindo aquele desejo de felicidade que explodiu na esplanada de Tor Vergata e alimentado pelo encontro com o meu professor.

Gostaria de estabelecer um paralelismo com aquele período da minha vida, que não foi fácil. Digo que não foi fácil referindo-me à nova forma que a minha solidão tinha tomado: tinha um desejo enorme, uma pergunta enorme, e todas as pessoas que eu via diariamente não pareciam estar minimamente interessadas naquilo que, para mim, era a coisa mais valiosa.

Talvez a comparação seja um pouco ousada, mas vem-me à cabeça aquele jogo muito chato, em que temos de ligar os pontinhos: aos poucos, o desenho vai aparecendo e »

<sup>5</sup> João Paulo II, *Vigília de oração com os jovens*, Tor Vergata, Roma, 19 de agosto de 2000.

» descobrimos a imagem que outra pessoa imaginou para nós! Ou seja, quando começamos a ligar os primeiros pontinhos, temos logo a vontade e a curiosidade de encontrar os seguintes e, a certa altura, não conseguimos parar até que a imagem ganhe, finalmente, todos os seus contornos e a possamos ver. Vemo-la!

Assim, com o convite daquele padre na Catedral, começou a minha fase de “agente secreto”: o caminho de verificação da minha vocação foi uma verdadeira descoberta de mim. É verdade que isto acontecia no segredo do meu coração – de facto, eu não podia falar disso com ninguém –, mas tinha uma clareza e uma evidência que eu nunca tinha experimentado. A descoberta do que eu era, do facto de que a vida só ganha um sentido no momento em que é dada e oferecida, gerou em mim uma alegria enorme e um interesse pela realidade – pela Física, para dizer a verdade, nem por isso... – que eu nunca tinha vivido.

Assim, aos dezanove anos, pedi para entrar no Seminário! Tão jovem! Nem sequer tinha ainda barba!

Dei este passo não porque tinha percebido tudo, porque sabia tudo ou porque tinha a certeza de que as coisas na vida me iam correr bem! Lembro-me do início do livro *É possível viver assim?*, de don Giussani. Não estava a entrar no Seminário porque conhecia o Seminário e o que significava ser padre. Começava aquele caminho porque havia alguma coisa que me fazia dizer «vale a pena começar». Começava um caminho não porque tinha pesado os prós e os contras numa balança, começava porque naquele passo estava eu, naquele passo havia a possibilidade do tudo e isto era, pela primeira vez, o que mais me correspondia.

Começava um caminho e apostava numa coisa com um parecer contrário de todos.

Em primeiro lugar, os meus pais e a minha família: para eles, era uma loucura não fazer a universidade ou não tentar ter uma relação estável com uma rapariga. A minha mãe, para me tentar fazer mudar de ideias, chegou a mandar presentes em meu nome para uma rapariga que eu conhecia. Além deles, também os meus colegas da escola e das noitadas: também eles não percebiam o que se estava a passar comigo. Lembro-me do meu maior amigo daquela época, que queria levar-me a todo o custo para a Sardenha com ele, no verão, para aproveitar a vida na praia e nas noitadas e tirar-me assim da cabeça estas ideias estranhas (escusado será dizer que não fui para a Sardenha, pelo menos daquela vez).

Os anos do Seminário foram bonitos e entusiasmantes, o florescer duma humanidade que eu não conseguia explicar, e que me era oferecida sempre na relação com Outro. Porque somos nós que escolhemos, mas escolhemos sempre diante de alguém que nos está a chamar.

No Seminário, descobri a beleza e a força duma companhia, uma companhia rumo ao destino, uma paixão pela Igreja. Pela primeira vez, descobri o que significava ter amigos verdadeiros: como eu dizia antes, amigos da vida e para a vida. Amigos com quem não se podia fazer batota, com quem podíamos ser nós mesmos, partilhando descobertas, dificuldades e alegrias. A vida, juntos, era a possibilidade de, simultaneamente, fazer surgir a pergunta e purificá-la. Naqueles seis anos que vivi no Seminário pude voltar a experimentar aquele olhar de cuidado e de estima que, como dizia no início, sempre me acompanhou e me acompanha ainda e que, para mim, continua a ser inexplicável. Ainda nos falamos muitas vezes, ainda nos encontramos, passamos férias juntos, em suma, continuamos a caminhar juntos rumo ao destino.

Amadureci duas coisas que gostava de partilhar com vocês, em jeito de conclusão.

A primeira é a atualidade da minha vocação. Se alguém me perguntasse «Quando é que percebeste que devias ser padre?», a resposta mais verdadeira que eu podia dar seria: «Hoje!». É hoje que escolho e decido jogar-me por inteiro, não me basta dizer ontem, e não posso simplesmente dizer amanhã! Hoje, o presente só se torna tal se eu disser que sim ao que tem valor, ou seja, àquilo que valoriza o que eu sou. Quem me chamou não me larga, continua a chamar-me todos os dias, renovando a Sua promessa de felicidade com Ele. »

» E a segunda coisa é que não estou preparado: todos os dias me apercebo de que, racionalmente, não estou preparado para ser padre. Mesmo doze anos depois de ter sido ordenado, parece-me que são muito mais as coisas que não percebi do que aquelas que descobri. Na véspera da minha ordenação, lembro-me que, tentando usar o missal sozinho no meu quarto, repetia: «Mas eu não estou preparado!» A única coisa que eu tinha, no fundo, era a consciência de que não tinha sido eu a criar aquilo: era Outro que me estava a chamar a dar aquele passo. O caminho que eu tinha feito no Seminário não me tinha tornado mais inteligente ou melhor para estar «preparado» para ser padre, mas tinha-me tornado mais consciente daquilo que eu desejava para a vida. Era mais claro para mim a Quem é que eu queria manter o meu coração ligado.

Isto que vos estou a dizer tornou-se mais claro para mim numa noite quando, já padre e com vinte e sete anos, um responsável do clero veio ter comigo e me disse: «Gabriele, para onde quer que te mandemos, vai correr tudo bem». Isto não me bastava, não me bastava nem sequer a estima de um superior, porque responder à vocação não é fechar um ficheiro, não é dizer: «Agora percebi com quem devo estar, ou o que devo ser e, portanto, a vida está resolvida». Também não significava: «Muito bem, agora tens um poder, estás pronto para educar os outros na fé».

Nos primeiros anos de padre eu fazia um monte de coisas, foram anos muito bonitos, cada dia era uma ocasião para me entusiasmar pelo que fazia, enchia a agenda de encontros, de iniciativas propostas, fazia muitas coisas, que tinham resultados discretos, diria.

Depois, porém, depois, aconteceu uma coisa, ou melhor, continuava a acontecer uma coisa. Tanto na minha paróquia quanto em Milão, continuava a encontrar e a frequentar pessoas que viviam a experiência cristã de um modo mais interessante e mais verdadeiro do que eu, como padre, poderia viver.

Todas estas pessoas, famílias, jovens, adolescentes, viviam a experiência do Movimento de Comunhão e Libertação, e todas elas me tocavam particularmente. Assim, a dada altura, nasceu a urgência de perceber qual era a origem daquela beleza, daquela intensidade de vida que eu via sempre a acontecer.

No dia 26 de março de 2014, depois de muitas recusas em participar na Escola de Comunidade, decidi finalmente ouvir, com alguns amigos, a Escola de Comunidade do Carrón. Ainda tenho os apontamentos daquela noite no telemóvel, mas lembro-me bem daquilo que o Carrón disse, e que me marcou: *«O problema é que o juízo é o início da libertação; ajuizar é o início da libertação, porque só se uma pessoa começa a julgar é que começa a distinguir o bem da aparência e, então, pouco a pouco, vê a diferença entre o golpe sentimental e a correspondência. O Mistério fez-se carne e revelou-nos o que é a verdade, a verdadeira humanidade; se uma pessoa, de algum modo, ainda não consegue perceber isso na experiência, tem uma indicação, não para se poupar à experiência, mas como orientação num momento de confusão: aqui, alguma coisa não bate certo, a Igreja diz-me outra coisa, Jesus diz-me outra coisa. Então, não é que simplesmente me submeto a isto, poupando-me ao desejo de perceber, mas vou ao fundo da questão, porque Jesus e a Igreja não querem me enganar».*

Começou aqui um verdadeiro caminho de descoberta, não porque conhecia melhor a teologia ou porque tinha descoberto uma nova estratégia para encher a igreja de gente, mas simplesmente porque comecei a perceber que era necessário ajuizar as coisas que fazia, ou seja, descobrir um método que me fizesse desfrutar mais das coisas que já vivia, que já existiam. Em suma, foi a descoberta daquilo que era e que é a minha relação com Cristo.

A pergunta fazer já não era simplesmente: «Isto está certo ou errado?» – como vocês fazem muitas vezes, quando me perguntam: «Diz-me qual é a coisa certa a fazer!» –, mas era a possibilidade de reconhecer e de me espantar com o que era verdadeiro para mim! Não era »

» uma visão moralista! Foi o surpreender-me da forma como Deus estava presente na minha vida dum modo entusiasmante: Cristo é a resposta ao meu desejo.

A experiência do Movimento, pertencer a esta companhia, foi, portanto, uma verdadeira descoberta das razões da origem do meu chamamento.

Se eu tivesse de resumir estes anos, desde que me inscrevi na Fraternidade, eu diria que a minha vida, no fundo, é toda ela uma tentativa irónica. Onde a ironia não é o cinismo que nos faz pensar que nada tem valor, mas é a ideia de que, mais do que a nossa pequenez e a pequenez das coisas, há um pertencer a Outro e é Ele que faz as coisas.

Há uma imagem que *don Gius* usa quando fala das tentativas irónicas, de que gosto muito. Leio-a e com isso acabo: «*O cristão, diante do facto de que quanto mais uma pessoa ama, mais gostaria de ser perfeita – queria, mas não consegue –, diante disto, sorri, porque o obriga a confiar na bondade do outro [...] que representa a misericórdia de Deus (assim como o outro que tu amas é o sinal da obra de Deus, assim a misericórdia do outro é o sinal da misericórdia de Deus). É isto que explica a ironia sobre nós mesmos, que não é troçarmos de nós mesmos, é o contrário: é empenhar-se profundamente, com a certeza respondida na bondade de outro, na força de outro e na misericórdia de outro. “Sabe-se lá por que gosta de mim! [...] Não porque eu goste dele: não posso dizer isso! Aliás, este é o ponto: eu gosto dele, mas não consigo fazer nada de bom e perfeito. Sabe-se lá porque é que ele gosta de mim ainda assim!”*. No entanto, não suspendes o teu empenho, pelo contrário, torna-lo mais intenso, e é esta a fonte da ironia sobre ti. Como um pai que vê a criança tentando arrastar uma cadeira grande; sorri, mas não troça dela; vai lá e ajuda-a a carregar. E a criança diz: “Não, não, não, sou eu”».<sup>6</sup>

Na minha vida, acho que consegui deslocar um pouco a cadeira grande das minhas ansiedades, dos meus pensamentos, das minhas ideias, porque reconheci e reconheço que houve sempre a mão de Alguém maior a acompanhar a minha tentativa desajeitada.

Este é também o motivo pelo qual gosto de estar com os jovens: ver todas estas tentativas irónicas que vivem e surpreender-me com eles com Aquele que as realiza.

**Mencarelli.** Obrigado padre Gabriele. Ouvimos imensas coisas esta manhã, mas não é preciso termos medo de não memorizar tudo, teremos tempo de voltar a elas. Antes de mais nada, deixemo-nos tocar por aquilo que ouvimos.

Reagindo ao que ouvimos, gostaria de partilhar uma frase de *don Giussani*, que diz assim: «Eu não consigo encontrar outro indicador de esperança a não ser a multiplicação de [...] pessoas que são presenças. A multiplicação destas pessoas; e uma inevitável simpatia [...] entre estas pessoas»,<sup>7</sup> uma simpatia que é uma grande familiaridade, mesmo que não nos encontremos todos os dias.

Quando o Mistério, o Pai, põe ao nosso lado irmãos, irmãos mais velhos que caminham, como esta manhã o Alfonso e o padre Gabriele, faz isso não para nos fazer ver como estamos atrasados em relação a eles, mas para nos dar vontade de caminhar. Por isso, desejemos, peçamos para poder continuar a caminhar, também ajudados pelo testemunho destes nossos amigos e de todos aqueles que o Mistério nos colocar no caminho. Funciona como com a fruta: como fazer amadurecer uma banana verde? É só pô-la junto de uma maçã. E assim amadurece! Experimentem fazer isso! Esta é a forma através da qual o Senhor continua a vir ao nosso encontro, a manter-se próximo para que possamos tornar-nos adultos, frutos maduros.

Falando sobre este caminhar juntos, para concluir (como não temos de apanhar o autocar- »

<sup>6</sup> L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Bur, Milão, 1999, pp. 270-271.

<sup>7</sup> L. Giussani-G. Testori, *Il senso della nascita*, Bur, Milão, 2013, p. 116.

» ro, podemos gastar mais alguns minutos), gostaria de ouvir o Francesco. Estivemos sempre em contato com ele nestes dias, visto que havia a proibição de circular entre concelhos.

**Francesco Barberis.** Obrigado, Andrea. Antes da leitura dos avisos, permitam-me só dizer duas coisas para exprimir a alegria que senti e que sinto também esta manhã. A primeira coisa é um agradecimento especial a ti, padre Andrea; à parte o exemplo Bastoni/Barella, que não consegui apanhar, mas que depois me ajudarás a recuperar, queria agradecer-te pela forma como nos acompanhaste verdadeiramente nestes dias, neste gesto tão decisivo para a nossa vida que é o Tríduo Pascal. A inteligência que brota da fé pode tornar-se realmente inteligência no modo de olhar para a realidade, como percebemos ao estremecermos em tantos momentos nestes dias. E que comoção sentimos na quinta-feira à noite quando tu, padre Andrea, nos desafiaste com a pergunta: «Como é que a semente faz para crescer?» e Jesus responde, continua e continuará sempre a responder: «Para que a vossa alegria seja plena, permaneçei em Mim». E, por isso, a primeira coisa é mesmo um “obrigado”, obrigado padre Andrea pela forma como nos acompanhaste.

Mas a segunda coisa, muito breve, digo-a pensando em todos vocês, jovens, e também nos muitos adultos que nos acompanharam nestes dias. Ontem de manhã, o padre Andrea chamava-nos a atenção para esta frase: «Não nos esqueçamos [...] que a nossa esperança não está em saber fazer “como” Jesus, mas “é” Jesus», como nos lembrava antes o padre Gabriele mostrando-nos o vídeo de João Paulo II. A nossa esperança está naquele estar de joelhos de ontem à tarde diante da Sua presença, apaixonados por Ele, pelo Seu olhar tão humano, tão comovido pela nossa vida. Por isso, obrigado.

Agora leio o telegrama que iremos enviar amanhã ao Santo Padre, Papa Francisco:

«Santidade, mais de 4000 alunos do liceu de Comunhão e Libertação, juntamente com os seus professores, participaram por videoconferência, de 1 a 3 de abril, no Tríduo Pascal com o título “Vivo, quer dizer presente”. “Este é o tempo do nosso juízo, o tempo de decidir o que conta e o que passa”, disse o senhor a todos na Praça de São Pedro no dia 27 de março do ano passado. Na grande aventura de viver como homens, enquanto tomamos consciência da nossa fragilidade de pecadores, podemos seguir o caminho percorrido por Cristo, que viveu toda a sua existência como filho, inteiramente apoiado na certeza da sua relação com o Pai. A Ressurreição de Jesus introduz-nos, também a nós, naquele diálogo de amor trinitário onde cada solicitação da nossa humanidade é abraçada, e tudo de nós feito objeto de misericórdia, é chamado à vida nova. Deixando-nos abraçar pela ternura de Cristo Ressuscitado, vivo e presente na Igreja, podemos ir ao encontro de todos os nossos irmãos e irmãs, peregrinos como nós, e em viagem no mesmo barco. Enquanto imploramos a sua especial benção, asseguramos-lhe a nossa oração. Boa Páscoa, Santidade! Francesco Barberis e padre Andrea Mencarelli».

**Mencarelli.** Obrigado, Francesco. Boa Páscoa! A dádiva maior podemos dar-nos, que podemos dar aos nossos pais e aos nossos amigos, é cantar-lhes o que encontramos.

*Regina Coeli*